

OPERAÇÃO UNITAS GOLD – SOLIDARIDAD HEMISFERICA – DEFENSA HEMISFERICA – 50 ANOS

*“We are a strong nation. But we cannot live
to ourselves and remain strong.”¹*

General George C. Marshall

OTACILIO BANDEIRA PEÇANHA

Capitão de Corveta

BRUNO PEREIRA DA CUNHA

Capitão de Corveta

KAIO REICH BULHÕES DE MORAIS²

Capitão-Tenente

SUMÁRIO

Histórico

Objetivos da operação

Aspectos político-estratégicos

Participação e fases da operação

1ª Fase de Mar – WORK-UP (23 a 27 de abril)

Exercício Sinkex (28 e 29 de abril)

Fase Scenario (30 de abril a 3 de maio)

Inovações

Vantagens colhidas pela MB

Conclusão

HISTÓRICO

A operação Unitas é o mais antigo exercício naval multinacional do mundo. Sua origem remonta a novembro de 1959, na

Conferência Anual dos Chefes de Missões Navais dos EUA e América Latina, realizada no Panamá. Esse evento, dada a sua importância, o fez ser reconhecido como a 1ª Conferência Naval Interamericana.

¹ Extraído do livro “The Naval Officer’s Guide” William P. Mack, Harry A. Seymour, Lesa A. McComas. Naval Institute Press, 1998. Publicação de referência para a oficialidade da Marinha dos EUA.

² Oficiais membros do Estado-Maior *ad hoc* do Comando do Grupo-Tarefa 138.2 (Brasil).

Nessa ocasião histórica, os oficiais sul-americanos, liderados pelo Vice-Almirante (brasileiro) Paulo Antônio Telles Bardy, propuseram a criação de um exercício naval multinacional, em contraponto aos exercícios bilaterais realizados, até então, com as antigas Força-Tarefa 86 (Atlântico) e Força-Tarefa 88 (Pacífico), criadas pelo Almirante Arleigh Burke, da Marinha dos EUA. Esse exercício foi batizado com o nome de Unitas, palavra derivada do latim, que significa união. Alguns antigos documentos ainda sugerem que o nome seria uma sigla derivada do termo “United International Anti-Submarine Warfare Training” (União Internacional para Ades- tramento de Guerra Antissubmarina).

Além de promover a boa vontade e solidificar as relações interamericanas, a Unitas nasceu com o propósito de adestrar e preparar meios navais multinacionais, operando de forma combinada, de maneira a enfrentar ameaças comuns às nações das Américas, reflexos das campanhas antissubmarinas do Atlântico, executadas durante a Segunda Grande Guerra, onde os aliados combateram lado a lado na defesa de comboios mercantes, compartilhando doutrinas, apoio logístico e material bélico, com participação marcante, e única no contexto sul-americano, da Marinha do Brasil.

As ameaças ao longo do século passado foram gradativamente se modificando. Inicialmente, as do pós-guerra deram lugar aos desafios da Guerra Fria, com a preocupação de combater a ameaça submarina soviética num mundo ideologicamente polarizado, alcançando os dias de hoje com a temática das “Novas Ameaças”.

No final dos anos 90, o Brasil propôs um exercício realizado em três fases multinacionais regionais (Caribe, Atlântico e Pacífico), havendo um revezamento

de anfitriões em cada fase. Em outubro de 1999, o Brasil era anfitrião já na primeira operação regional multinacional durante a fase Atlântica da Unitas 40-99.

O conceito de culminar cada Unitas em um exercício de confronto de forças (*final battle problem*) foi introduzido pela primeira vez durante a Fase do Pacífico, no Chile, em 2002. Desde então, cada Unitas era estruturada para incluir uma fase *work-up*, de preparo e incremento da interoperabilidade, e uma fase *final battle problem*.

Em 2008, a Unitas migrou do termo *final battle problem* para *Exercise Scenario Phase* (ESP) caracterizando-se, efetivamente, em um jogo de guerra a testar as proficiências em uma coalizão avançada de operações navais.



OBJETIVOS DA OPERAÇÃO

No que tange às preocupações geoestratégicas dos EUA, a operação Unitas se enquadra perfeitamente nos objetivos traçados na sua atual Estratégia Nacional para a Segurança Marítima³ (National Strategy for Maritime Security)

³ Arquivo em pdf em: http://www.dhs.gov/xlibrary/assets/HSPD13_MaritimeSecurityStrategy.pdf.

de 2005, recentemente revisada em 2007. Discurso do Presidente George W. Bush, proferido em dezembro de 2004, já pontificava que “as tarefas do século XXI não poderão ser cumpridas por uma única Nação”. Dessa forma, “a atual estratégia estadunidense reforça o conceito de Parceria Marítima Global (Global Maritime Partnership), que servirá como catalisadora para o aumento da interoperabilidade e cooperação internacional em apoio à segurança marítima cooperativa”⁴.

Além do exposto, e em conformidade com o contido na publicação CTF 138 Instruction 2050, *Unitas Basic Planning Instruction* (UBPI), diretiva permanente da operação, os objetivos principais a serem destacados são:

(1) prover oportunidades para as Marinhas participantes conduzirem operações navais combinadas no contexto de uma força-tarefa multinacional;

(2) incrementar as capacidades de combate naval, aéreo, e de fuzileiros navais;

(3) ampliar a prontidão para operações combinadas e operações em coalizão;

(4) desenvolver a interoperabilidade entre as forças multinacionais, incluindo doutrinas, adestramento, logística, comunicações, bem como outros assuntos de interesse;

(5) promover um Teatro de Segurança Cooperativa (Theater Security Cooperation – TSC⁵) aumentando a estabilidade regional pela interação e troca de ideias e ações;

(6) conduzir operações SAR, de resgate de pessoal, salvamento e de assistência humanitária;

(7) manter um elevado padrão de desempenho profissional, disciplinar e moral;

(8) prover exercícios de demonstração e visitas para grupos nacionais e aliados;

(9) participar, na maior medida possível, de exercícios combinados e adestramentos com forças de outras nações;

(10) desenvolver conceitos e planos que promovam a interoperabilidade;

(11) conduzir visitas de representação a portos estrangeiros; e

(12) no caso específico da edição de 2009, comemorar o cinquentenário da operação.

ASPECTOS POLÍTICO-ESTRATÉGICOS

Coube ao recém-reativado Comando da Quarta Esquadra, que acumula o Comando das Forças Navais do Comando Sul (COMUSNAVSO), na condição de anfitrião, o Comando da Força Tarefa Combinada Multinacional (CJTF 138). Mais do que uma reestruturação administrativa, a Quarta Esquadra enseja uma valorização estratégica do cenário do Atlântico Sul. Além disso, o também recém-criado Comando da África (Africa Command), atuando ao leste, reforça esse entendimento e demonstra a necessidade de o Brasil, dada a sua relevância geopolítica, contar com um adequado Poder Naval para contribuir com

⁴ *Revista Marítima Brasileira* Jan/Mar 2008 – “Uma Estratégia cooperativa para o poder naval dos Estados Unidos no século XXI” (CMG-RM1 Carlos Marcello Ramos e Silva).

⁵ Tradução livre: Atividade de Segurança Cooperativa – “Atividade militar que envolve outras nações e tem como objetivo desenvolver um ambiente operacional em tempo de paz. As atividades incluem programas e exercícios que as Forças Armadas dos EUA conduzem com outras nações para promover o entendimento mútuo e incrementar a interoperabilidade com nações aliadas e potenciais parceiros. Tem como função apoiar os Comandos Combinados (no caso da *Unitas* o *USsouthcomm*) nos seus teatros estratégicos, conforme previsto no Plano do Teatro de Segurança Cooperativa”. Nesse contexto, a Segurança Marítima Cooperativa é a vertente naval do plano do TSC.

Referência: Joint Publication 3-0 “*Joint Operations*”, Publicação do Joint Chiefs of Staff (EUA), Change 1, 13/2/2008.

a defesa dos interesses nacionais e com o atendimento dos seus compromissos perante a comunidade internacional.

PARTICIPAÇÃO E FASES DA OPERAÇÃO

A operação Unitas 50 contou com a participação de meios navais dos seguintes países: Brasil, Alemanha, Chile, Colômbia, Canadá, Peru e EUA. A Marinha do Brasil (MB) participou dessa comissão compondo o Grupo-Tarefa 138.2 (Fragata *Constituição*, aeronave AH-11A e Submarino *Tikuna*), com seus meios adjudicados ao Comando do GT 138.10 – GT Multinacional Marítimo, além de um pelotão de fuzileiros Navais adjudicado à estrutura do Comando do GT 138.20 – GT Multinacional Anfíbio.

Para consecução da operação foram realizadas três conferências de planejamen-

to, todas na Estação Naval de Mayport (Flórida – EUA), sede da 4ª Esquadra dos EUA. Coube ao Comando da 2ª Divisão da Esquadra representar a MB na conferência inicial (nov/08) e principal (fev/09). A conferência final (mar/09) coube ao Comando do 1º Esquadrão de Escolta.

Para a execução da operação foi criado, por determinação do Comando em Chefe da Esquadra, um Estado-Maior *ad hoc*, composto por oficiais da 2ª Divisão da Esquadra, da Força de Superfície e da Força Aeronaval, de forma a assessorar o comandante do GT 138.2, atual chefe do Estado-Maior da 2ª Divisão da Esquadra.

No Estado-Maior Multinacional formado para assessorar o CGT 138.10, a bordo do navio capitânia, o USS *Mesa Verde* (LPD classe *San Antonio*), encontravam-se três oficiais superiores da MB, provenientes da Força de Superfície e de Submarinos.



Meios navais do Grasp Alpha na fase Work-Up

A comissão foi conduzida em duas fases distintas: a fase Work-Up e a fase Scenario, tendo sido ainda executado, no intervalo entre as duas fases, o exercício Sinkex (tiro sobre o casco do ex-USS *Connolly*, ex-Contratorpedeiro da classe *Spruance*).

1ª Fase de Mar – WORK-UP (23 a 27 de abril)

Fase introdutória, visando aprimorar a interoperabilidade entre os navios das Marinhas participantes. Nessa fase, os navios foram divididos em dois Grupos de Ação de Superfície (Grasup). Cada comandante de Grasup foi responsável pelo controle tático dos meios, manobrando os navios dentro da área de operações e conduzindo os exercícios de acordo com o programa de eventos. Estava programado, nessa fase, o rodízio de comandantes de Grasup entre as Marinhas participantes. Coube ao CGT 138.2 o Comando do Grasup Alpha, nos dias 24 e 27 de abril, atuando como ODE dos seguintes exercícios:

- Guerra Antissubmarina: SubxSub, SubxAeronaves e Casex;

- Guerra de Superfície: ataque de NaPaRa (navio patrulha rápido), tiro sobre alvo de superfície de alta velocidade e tiro sobre alvo rebocado.

- Guerra Antiaérea: detecção, identificação e engajamento simulado de alvos aéreos, tiro antiaéreo contra alvo rebocado por aeronave, tiro antiaéreo contra drone, lançamento e avaliação dos efeitos causados por *chaffs* e tiro antiaéreo sobre granada iluminativa;

- exercícios de engajamento com mís-

seis de alvos além do horizonte por múltiplas unidades;

- exercícios avançados de interdição marítima (MIO – Maritime Interdiction Operations) e abordagem por grupos de visita e inspeção e grupo de presa (GVI/GP);

- transferência de óleo no mar (*replenishment at sea*); e

- manobras táticas com cobertura fotográfica.

Exercício Sinkex (28 e 29 de abril)

Em um ambiente combinado e multinacional, foram realizados exercícios de tiro superfície-superfície e aéreo-superfície com mísseis, foguetes e canhões. Desse complexo exercício, também participaram aeronaves P-3 Orion e F-18 Super Hornet da Marinha e bombardeiros B-52 Stratofortress da Força Aérea dos EUA, além dos meios multinacionais previamente designados para a operação Unitas. Foi empregada variada gama de munições, como mísseis Harpoon e Maverick, bombas inteligentes e munições de canhões de diversos calibres (5 e 4.5 pol, 76 mm, 57 mm, e 40 mm), dependendo um total de 8.369 libras de explosivos. Na figura podem ser visualizados alguns dos impactos dos projéteis sobre o alvo, disparados da Fragata *Constituição*.

**Exercício Sinkex – fogo da Fragata *Constituição*
(Alvo: ex-CT da Classe *Spruance*)**



Fase Scenario (30 de abril a 3 de maio)

Esta fase consistiu em um jogo de guerra tendo como cenário os países hipotéticos Garnet e Amber, envolvidos em uma escalada de crise político-estratégica que desencadearia, ao final, um confronto entre as forças navais. Como resposta à crescente instabilidade regional, o Conselho de Segurança das Nações Unidas emitiu uma resolução, decidindo pelo estabelecimento de uma Força Multinacional (FT 138) com o objetivo de aumentar a interoperabilidade e realizar demonstração de força em apoio a Garnet. Para tal, as unidades multinacionais deveriam estar preparadas para:

- conduzir operações de combate ao narcotráfico;
- conduzir operações MIO;
- conduzir operações de liberdade de navegação;
- conduzir assistência humanitária;
- conduzir operações SAR de combate (Search and Rescue) no mar e em terra;
- conduzir operações de combate à pirataria; e
- evoluir para ações hostis contra as forças de Amber, em caso de insucesso nas ações de dissuasão.

Na fase Scenario, o GT Multinacional foi dividido em três Grasup. Coube ao CGT brasileiro o comando de um dos Grasup, com a tarefa de proteger a UMV (Unidade de Maior Valor – USS *Mesa Verde*).

INOVAÇÕES

Na operação Unitas-50, foram realizados exercícios e simuladas situações não rotineiras em operações conduzidas pela Esquadra, bem como empregados diferentes meios e recursos, além dos diversos procedimentos operativos e métodos de planejamento utilizados pelas Marinhas participantes. Estes novos conhecimentos adquiridos

são fundamentais para o nosso aprimoramento, evolução e aumento do grau de interoperabilidade. Os seguintes pontos mereceram destaque nesta operação:

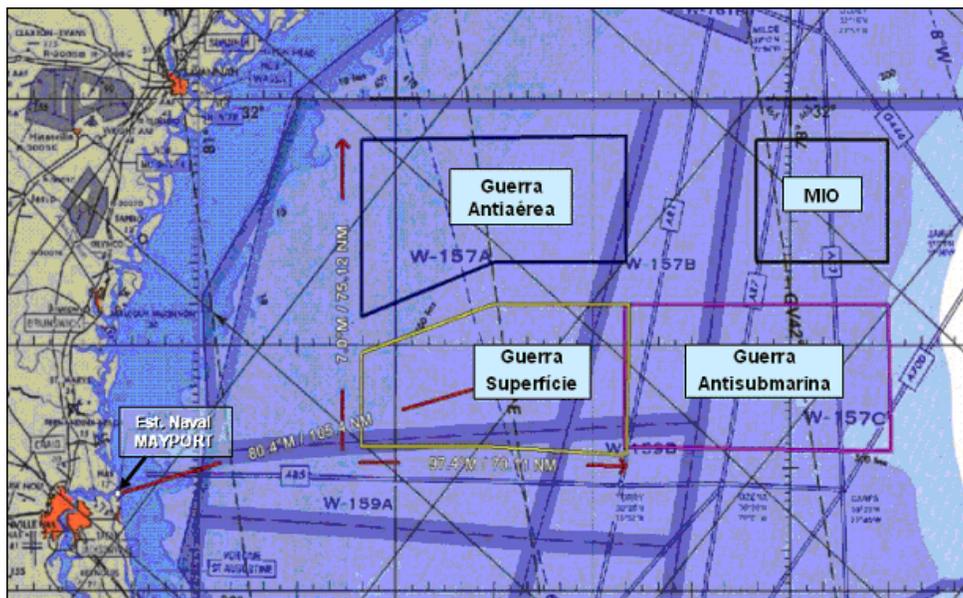
Procedimento Force Protection – Proteção de meios navais dos EUA em águas restritas contra ameaças assimétricas. Consiste na adoção de medidas iniciais não letais (chamadas VHF, sirenes, holofotes, pirotécnicos, sistema de som direcional) e, caso necessário, emprego de metralhadoras distribuídas nos conveses. Outro procedimento que pôde ser visto nesta comissão foi a escolta dos navios por lanchas da Guarda Costeira nas entradas e saídas de porto.

Operação de Liberdade de Navegação (Fonop) – Consiste em uma coluna de navios cumprindo uma derrota entre pontos determinados, com o propósito de demonstrar o direito previsto na legislação internacional de liberdade de navegação (marítima e aérea) e o emprego de linhas de comunicações marítimas, que podem estar localizadas em águas reclamadas por um Estado;

Carrossel de fogo – Consiste em subdividir a área de operações em várias subáreas adjacentes, onde são realizados exercícios atinentes a cada ambiente de guerra. Essa concentração em um único



Procedimento “Force Protection”
(lanchas da USCG)



“Carrossel de Fogo” (área de operações da fase Work-Up)

polígono resulta em considerável redução das distâncias a serem navegadas pelo grupo-tarefa, otimização do emprego dos meios de apoio e figurativos inimigos, além de priorizar o adestramento em cada ambiente separadamente.

Exercícios de tiro – O planejamento, a condução e a execução de uma gama variada de exercícios com diferentes recursos de apoio, como o tiro sobre alvo aéreo rebocado, sobre drone, sobre alvo de superfície rápido e sobre casco de navio, possibilitaram grande aquisição de conhecimentos e uma ímpar oportunidade de adestramento.

Atividade de inteligência – É exercida pelo Grupo de Controle (CECG), constituído por civis e militares, que durante a fase de planejamento cria um cenário fictício para a fase Scenario da operação e, durante a fase de mar, embarca no navio capitânia e atua como Grucon, coordena as ações do Figin, controla as regras de comportamento e dissemina as informações de inteligência pertinentes ao desenvolvimento das ações.

Linha de Comunicação Sea Combat

Command – Concentração, em uma única linha, de todas as linhas de coordenação e informações das guerras de superfície (CI/GSU), antissubmarino (CI/GAS) e guerra eletrônica (CI/GE). Tal concentração de linhas só é possível quando se dispõe de informações confiáveis fornecidas por um *link* comum.

Sítio na internet e chat – Empregados para troca de informações e dados entre os meios participantes. Foi disponibilizado um ambiente seguro na internet denominado Non-Class Enclave (NCE), que possibilitou a troca de documentos operativos na fase de planejamento e o uso de *chat* de texto durante a operação, ferramenta fundamental para o comando e o controle das ações em uma grande área de operações com meios distantes.

Gerenciamento do Risco Operacional

– Utilização dessa ferramenta pela Marinha dos EUA em todos os eventos que envolviam algum risco, relacionados ou não à atividade aérea.

Aeronaves e embarcações civis – Aeronaves de asa fixa como Learjet e turbo-hélice Cheyenne foram empregadas intensivamente para simulação de ameaças aéreas, reboque de alvos e limpeza de área. Embarcações contratadas foram utilizadas como apoio ao adestramento de GVI/GP, para reboque de alvos e plataforma de lançamento e recolhimento de drone.

Mídia – A Marinha dos EUA atribuiu grande prioridade à divulgação da operação para a mídia local e internacional, alocando períodos específicos durante a fase de porto e de mar para esta atividade. Jornalistas norte-americanos, brasileiros e de outros países embarcaram no navio capitânia, onde realizaram entrevistas e assistiram a demonstrações de emprego de aeronaves e *hovercrafts*. Registrou-se também a presença de diversos meios navais participantes nas proximidades.

VANTAGENS COLHIDAS PELA MB

Operações Multinacionais Combinadas, como a Unitas, e a mais recentemente criada Panamax (operação de defesa do Canal do Panamá), ensejam oportunidades de colher ensinamentos táticos e estratégicos. A participação nessas operações, desde sua concepção, planejamento até sua execução, permite o acompanhamento das novas tendências de emprego das forças navais, em um cenário político-estratégico dinâmico e complexo.

O Quadrennial Defense Review Report⁶, de fevereiro de 2006, publicação do Depar-

tamento de Defesa dos EUA que veio a atualizar a Estratégia de Segurança Nacional dos EUA (National Security Strategy), de setembro de 2002, fortemente influenciada à época pela chamada Doutrina Bush, encara os desafios enfrentados pelos EUA como uma “guerra global” e permanece prevendo a necessidade do enfrentamento das chamadas “novas ameaças” ou “ameaças não tradicionais”, problemas hodiernos que podem afetar todas as nações, tais como: terrorismo, proliferação de armas de destruição em massa, pirataria, narcotráfico, contrabando, crimes transnacionais, tragédias naturais que demandem assistência humanitária, problemas ambientais, dentre outros. Não há sinais de que as ameaças vigentes sejam reavaliadas pelo atual governo dos EUA. Efeito claro disso foi o fato de que na Unitas 50 era

notória a preocupação em abordar tais tópicos ao longo de toda a fase Scenario, em especial a consecução constante de operações MIO adicionalmente às clássicas operações navais de guerra de superfície, antissubmarina e antiaérea.

CONCLUSÃO

Na cerimônia de encerramento da Operação Unitas 50, que contou com a presença de diversas autoridades estrangeiras representando os 12 países participantes, dentre elas o adido naval do Brasil nos EUA e Canadá e o secretário da Marinha dos EUA, em discurso proferido pelo Almirante de



⁶ Arquivo em pdf em: <http://www.defenselink.mil/qdr/report/Report20060203.pdf>.

Esquadra James Stavridis (comandante do Comando Sul dos EUA – USSouthcomm), foi feita uma menção especial às palavras proferidas pelo ministro da Defesa do Brasil em visita recente feita àquele Comando, de que nossas relações devem estar sempre pautadas em “confiança e transparência” (*trust and transparency*). Envolvidos por esse espírito, os marinheiros e fuzileiros brasileiros, por meio de estado-maiores, meios navais ou participação de tropa, desempenharam com profissionalismo todas as tare-

fas impostas, desde as conferências de planejamento até a execução da operação, que terminou sem óbices significativos quanto a incidentes de pessoal ou material, a despeito de contar com uma robusta participação de meios: 30 navios, quatro submarinos e dezenas de aeronaves. O mesmo espírito de solidariedade e defesa hemisférica encerrado no escudo cinquentenário da Operação Unitas, que revela a tônica desse importante evento multinacional do calendário naval.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<FORÇAS ARMADAS>; Operação; Operação Unitas;